

# O Progresso Catholico

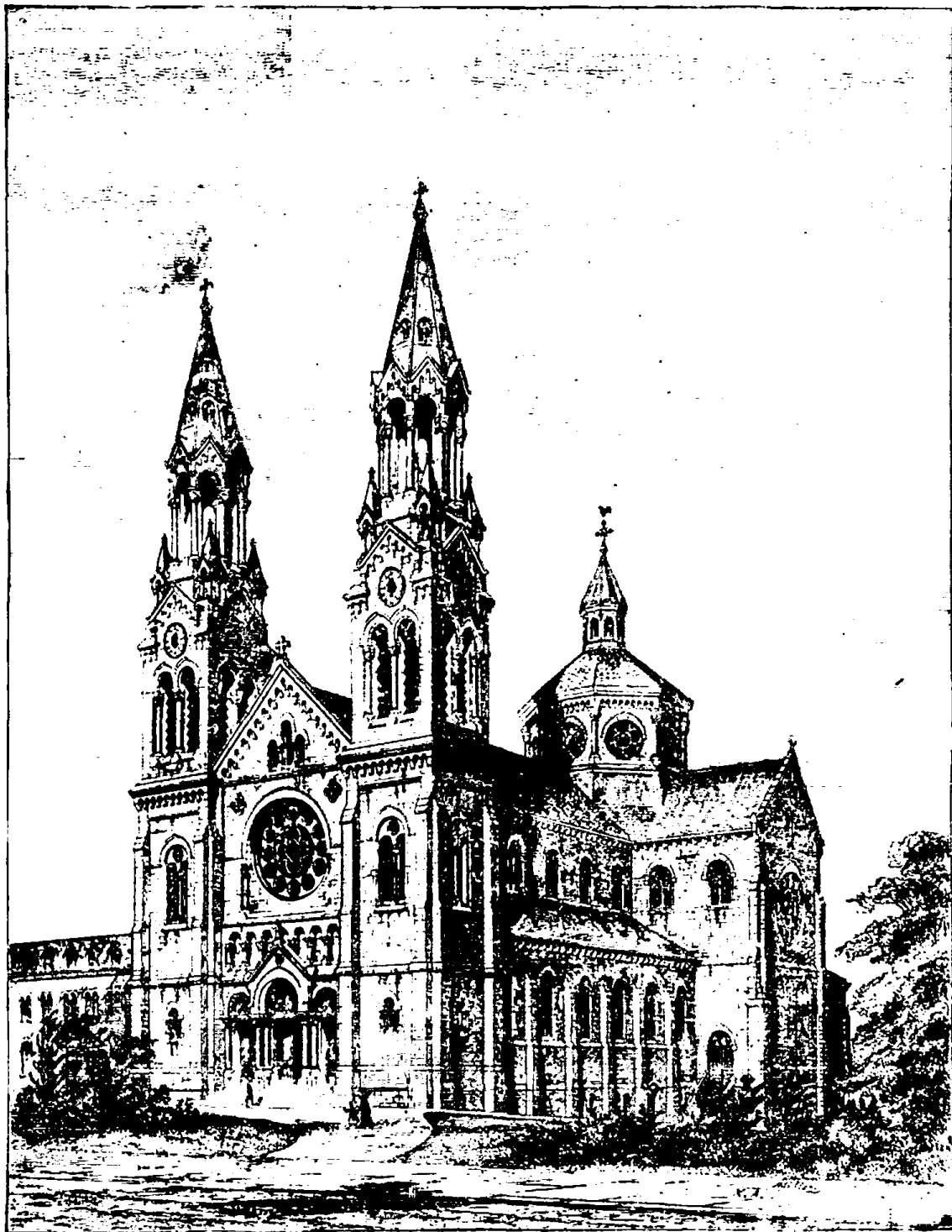
... sequor autem, si quo modo  
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

ORGÃO DA UNIÃO CATHOLICA  
EM PORTUGAL

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

ID. 13, 14.



EGREJA DE NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCCORRO

CONSTRUIDA EM BOSTON PELOS PADRES REDEMPTORISTAS

## SUMMARIO:

O PROGRAMMA DA UNIÃO CATHOLICA EM PORTUGAL.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo de Goa* (conclusão); *Tratado da Religião em Geral*, Capitulo IV, V. de P. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *Estudo Hermeneutico-Critico. Analyse critica do systema mythico applicado ao Novo Testamento*, (continuação), pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *As festas de 9 de Julho no Porto*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO IL-LUSTRADA: *Egreja de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro, construida em Boston pelos padres redemptoristas*.—SECÇÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo* (continuação).—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do monumento a Pio IX, o Grande*, por Teixeira de Freitas.—*Expediente*.

## GUIMARÃES 30 DE JULHO DE 1882

## O programma da união catholica em Portugal

TORNAMOS hoje do conhecimento dos nossos leitores o programma ou estatutos da *União Catholica*, de que tanto se tem fallado e que nos parece será uma forte barreira opposta pelos catholicos á corrente impia e estupidamente anti-portugueza, que tenta ha meio seculo derruir o magestoso edificio, que nossos maiores, á custa de sacrificios sem conta poderam levantar e apresentar á contemplação do mundo civilisado.

Deschristianisar o nosso povo; arrancar-lhe do peito esse sentimento nobre, grande, sublime, que o levára a terras africanas para ahi, depois de fazer dos peitos muralhas fortissimas, crear para a Egreja e para a civilisação um novo imperio; tomar pelos cabellos a mulher portugueza e arrastal-a atravez dezoito seculos até ás portas da barbaria, fechadas para ella desde que o divino Redemptor lhe dissera—és livre e igual ao homem; tomar pela mão as creancinhas e ensinar-lhes a maldizer o auctor de seus dias, a desrespeitar os seus superiores e a saber esmigalhar com uma bala a cabeça quando chega a desgraça; tal tem sido o trabalho da Revolução em Portugal ha cincoenta annos.

Levantar-se diante dos apostolos da Revolução e dizer-lhes—parae demolidores das grandezas da patria; tal é o fim da *União Catholica*! Parae, inimigos da liberdade, que aqui estamos nós, nós que somos a Reacção contra o mal, contra a impiedade, contra a libertinagem, contra a desmoralisação de que vós sois mestres. Parae, que os portuguezes catholicos acabam de despertar da indiferença de tantos annos para vos tolher o passo, para vos dizer—d'aqui não passareis.

E assim será! Podemos dizer que o imperio da Revolução findou em Portugal, e que o catholicismo vac estabe-

lecer seus arraiaes onde antes se estendiam os dos seus inimigos.

Eis o

## Programma da união catholica em Portugal

(Approvado pela «Associação central» da mesma União)

... Um só coração e uma só alma.

(ACTOS DOS APOST.)

## ARTIGO 1.º

O fim caracteristico e exclusivo da *União Catholica* em Portugal é promover a solida união de todos os verdadeiros catholicos portuguezes, afim de assim melhor se conhecerem, de se fortalecerem nas suas crencas christans, de se auxiliarem reciprocamente na pratica do bem, de opporem uma firme barreira á propaganda dissolvente do mal, sob a sua forma quer antichristã, quer antimoral, quer antisocial, e de defenderem por todos os processos licitos e legaes, mas principalmente pela apresentação de deputados catholicos no parlamento portuguez, os elevados interesses da causa catholica, como base fundamental dos mesmos interesses moraes e sociaes do paiz.

## ARTIGO 2.º

N'este fim geral estão comprehendidos certos fins particulares e praticos, de que a União attenderá com todo o afan, conforme lh'o permittirem o seu desenvolvimento e recursos: a saber, 1.º o auxilio quer litterario quer pecuniario da imprensa catholica, sustentando, subvencionando, facilitando a publicação de periodicos religiosos, ou de quaesquer livros ou opusculos do mesmo genero e de conveniente propagação; 2.º a creação de pequenos gabinetes de leitura, onde se proporcione aos catholicos a lição proveitosa de obras de apologia religiosa, de sciencia e mesmo de litteratura amena, que possam compulsar sem receio; 3.º a insta-

lação de pequenos clubs catholicos, tendentes a ministrar á juventude christã uma distracção e recreação innocentes, desviando-a assim da frequencia de lugares onde a sua fé e costumes encontrariam um escolho provavel; 4.º a fundação de collegios e de escolas catholicas; 5.º o prover as igrejas de vasos sagrados, e de paramentos decentes, o que se torna presentemente no nosso paiz de uma urgente necessidade; 6.º o vir em auxilio da *Conférença de S. Vicente de Paulo*, que em algumas cidades do rãjo lucha com enormes difficuldades para subsistir e que, não obstante, está prestando relevantes serviços á indigencia envergonhada etc.

## ARTIGO 3.º

A *União Catholica* toma por norma invariavel da sua doutrina o magisterio infallivel da Igreja, e por consequente todas as definições dogmaticas formuladas no Symbolo de Nicea, nos concilios ecumenicos, desde o primeiro até ao vaticanense, ultimo celebrado na Igreja; adherindo igualmente com sincera submissão aos ensinamentos consignados no documento pontificio, conhecido sob o nome de *Syllabus* e na *Encyclica Quanta cura* que o acompanha, entendidos conforme os entende a Santa Sé apostolica.

## ARTIGO 4.º

A *União catholica* elege por seu especialissimo protector a S. José, padroeiro universal da Igreja, e confia-lhe o exito de todas as suas obras e commettimentos.

## ARTIGO 5.º

Para preencher de um modo permanente o pensamento de unificação catholico-nacional em que consubstancia o seu fim dominante, a *União Catholica* organizar-se-ha, constituindo em Lisboa, capital do reino, o seu *Centro directivo*, e estabelecendo em todas as

provincias *Circunscriptões* locais, que se acharão com o dicto Centro em communhão integral de designios, e de obras. Nos pontos onde não houver os elementos sufficientes para uma circunscriptão, poder-se-ha formar uma como *Succursal*, dependente da circunscriptão que lhe fique mais proxima.

## ARTIGO 6.º

Esta associação abre o seu seio a todos os catholicos, sem accepção alguma das opiniões politicas que os Iremem (opiniões ou principios que a Igreja catholica é a primeira a «respeitar» e que em si são compatíveis com o desenvolvimento e prosperidade da mesma Igreja), uma vez que os referidos catholicos adhiram por uma declaração explicita, formal e cathogorica ao artigo 3.º do presente programma, e designadamente á doutrina do *Syllabus* pontificio, negação suprema do liberalismo anticatholico.

## ARTIGO 7.º

São, todavia, inadmissíveis na *União* os catholicos inertes, que pretenderem limitar-se, por toda cooperação, a inscrever o seu nome na lista dos associados, sem se prestarem a concorrer com o contingente da sua acção propria e pessoal, em uma proporção maior ou menor, segundo a sua condição, posição e illustração respectivas, para o conseguimento dos fins da *União*.

## ARTIGO 8.º

Embora, como fica dicto, não seja, por modo algum, obstaculo a que se faça parte da *União* o professor esta ou aquella opinião politica; não obstante, a indole e o fim da liga catholica exige que se colloque em tudo e sempre a religião acima da politica, e que, sem deixar de trabalhar em favor d'esta, se faça sobre tudo e preferentemente politica christã, subordinando os interesses partidarios aos interesses supremos da causa catholica, particularmente em se tratando de eleições de deputados.

## ARTIGO 9.º

A *União* não é responsavel pelos actos de nenhum dos seus socios, a não ser por aquelles que se praticarem *ex officio* e de accordo com o centro directivo da mesma.

## ARTIGO 10.º

As pessoas de um e outro sexo que, não pertencendo á *União*, queiram, sem embargo, contribuir para o seu estabelecimento e progresso por meio de qualquer subvenção pecuniaria, podem realisar-o a seu bel prazer, e serão desde então consideradas como subscriptoras da associação, com direito de assistencia ás suas assembleas geraes.

## ARTIGO 11.º

A *União catholica* pretende organizar na capital do reino um *circulo*, cujo objecto seja offerer a catholicos assim da mesma capital como das provincias, socios ou não socios, ecclesiasticos ou seculares, um local apropriado para reunir-se, conhecer-se e estreitar entre si as relações que devem reinar entre irmãos.

*N. B.* O fim d'este Programma é simplesmente apresentar quaes as bases da *União Catholica* em Portugal, afim de que se conheça qual é o seu espirito, a sua indole, o seu fim, a sua constituição intima, e o seu organismo. Posteriormente, e já então munida dos necessarios dados da observação e da experiencia, a *União* buscará formular os seus Estatutos ou regulamento interno.

Será o presidente geral d'accordo com a commissão central que o formulará, e em seguida o distribuirá por todas as *circunscriptões* provinciaes da *União*.

### Secção Religiosa

#### Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo de Goa

(Conclusão)

CONHECEMOS portanto de sobejo os gravissimos e pezados encargos da missão, que actualmente devemos cumprir. Comtudo apezar de Nossa indignidade, não perderemos com a divina graça o animo e a confiança; pois, se é certo que o que confia no proprio coração é louco, (1) e se apoia n'uma cana quebradiça, (2) não o é menos que o que põe toda a sua confiança no Senhor (3) permanece firme como a montanha de

Sião (4). Sim, chamado pela voz de Deus ás plagas do Oriente, glorioso theatro do valor e da fé dos Portuguezes, nós contamos sobretudo para o desempenho da Nossa ardua missão com os poderosos auxilios de sua Providencia e com os inexauríveis thesouros de sua Bondade; tendo sempre diante dos olhos a profunda sentença do glorioso S. Bernardo, segundo o qual não é prova de fé, mas de perfidia, o esperar demasiado das proprias forças e merecimentos. (5)

Alenta-Nos tambem, e não pouco, o termos que succeder a um prelado illustre, victima heroica e prematura do mais puro zelo apostolico. Os talentos brilhantes e as eximias virtudes do Ex.º e Rev.º Snr. D. Ayres de Ornelas e Vasconcellos tornaram respeitado e conhecido o seu nome de todos os bons catholicos portuguezes. Merecida homenagem; porque ninguem serviu com maior abnegação os supremos interesses da Fé; nenhum coração palpitou com mais vivido entusiasmo pelas nossas legitimas glorias: não houve pastor que estremecesse mais ternamente o seu querido rebanho. Nós o vimos, irmãos e filhos carissimos, minado já da teimosa enfermidade, que o arrastou no vigor dos annos á sepultura, cheio de anciedade e sollicitude por vós, cuja fé e amorosa dedicação á sua pessoa elle se comprazia em exaltar. Com frequencia amigos e admiradores exprimiam-lhe o justificavel desejo de que permanecesse na Mãe Patria, occupando uma das principaes sédes; n'estes casos dava invariavelmente esta resposta: que a doença pertinaz obrigava-o a residir no reino temporariamente, mas que o coração tinha-o na India. Deus, cujos designios não nos é dado penetrar, chamou-o, no meio da surpresa e do pranto geral, ao goso ineffavel de sua perennal presença; humilhem-nos, e oremos sem interrupção, para que Elle conceda á Igreja, n'estes calamitosos tempos, prelados e sacerdotes segundo o amante Coração do Verbo feito homem.

Da Nossa parte, se por um lado sentimos que nunca poderemos preencher no meio de vós o vacuo deixado por Nosso venerando antecessor, por outro temos a firme esperanza que, trilhando sempre as passas de tão inclty varão na administração da Santa Igreja Goanense e das missões do Real Padroado, conseguiremos adiantar algum tanto a obra meritoria, objecto de seus constantes disvelos: engrandecer o nome portuguez, tornando-o égide das verdades e instituições catholicas n'estes

(1) Pro. xxviii, 26.

(2) Isa. xxxvi, 6.

(3) Ps. 124, 1.

(4) Dan. iii, 40.

(5) S. Bern. Sermão 5 na vigilia da Nativ. do Senhor.

afastados paizes, porquanto «o Senhor escolheu-nos para esta missão do Apostolado, com preferencia a tantas outras nações catholicas; o Senhor poz-nos á testa de tantas e tão numerosas christandades, não para adormecermos á sombra das honras colhidas outr'ora, não para quedarmos em esteril contemplação das passadas grandezas e glórias; mas para que trabalhássemos sempre, progredíssemos sempre, para que cada vez mais lhe dilatássemos o reino, lhe estendéssemos os dominios, lhe ganhassemos os corações e lhe salvássemos as almas». (1) Não pôde haver sobre este ponto duas opiniões contradictorias; hoje, como nos passados tempos, a solida grandeza e a verdadeira importancia da nação portugueza dentro e fóra da Europa, depende em absoluto da protecção por ella dispensada áquella sacrosanta doutrina, que civilisou em todas as partes do mundo conhecido numerosos povos, conquistados á patria por seus ousados navegantes e esforçados guerreiros, á fé por seus heroicos e sabios missionarios.

Por ultimo, depois de Deus, as esperanças do Nosso ministerio pomol-as sobretudo no zelo e illustração do respeitavel clero diocesano e na religiosidade dos povos, a Nós espiritualmente sujeitos. Dos directores e mestres no Nosso Seminario esperamos em primeiro logar a educação e instrucção verdadeiramente ecclesiasticas dos futuros levitas. Os seminarios foram instituidos para que os jovens, chamados por voz divina ao sublime estado sacerdotal, adquiram n'estas mansões pacificas, com o conhecimento profundo das sciencias sagradas, auferido nas fontes da mais pura orthodoxia, aquelle espirito de fé, de piedade e de sacrificio, indispensavel para trabalhar com fructo na vinha do Senhor. O seminario que por desgraça não corresponde a este ideal, ou não tenda cada dia a corresponder-lhe, é indigno de tal nome; longe de ser uma instituição util á religião, torna-se ao contrario um foco permanente de perturbação e desordem no meio da Igreja, como longa e dolorosa experiencia o tem de sobejo mostrado. Mas, ninguém pôde negal-o, dos directores e mestres dependem immediatamente os fructos de benção e salvação, que a Igreja tem direito a colher do estabelecimento dos seminarios; uns guiando com varonil firmeza e paternal sollicitude, outros instruindo com inexcedivel zelo e exemplar dedicação, e todos mostrando-se inabalaveis na doutrina, illibados na conducta, diligentes nas obras de piedade e de zelo, concorrerão, espelhos vivos de fé e virtudes, para formar dos mo-

ços alumnos, confiados á sua vigilancia, numerosas e aguerridas phalanges de sacerdotes segundo o Divino Coração de Jesus, os quaes, para honra da Igreja, do seu Prelado e educadores, combaterão um dia com denodo os bons combates sob as gloriosas bandeiras d'este bemditissimo Nome. Supponmos os Rev.<sup>mos</sup> superiores e professores do Nosso Seminario animados dos melhores desejos, no que toca aos melhoramentos progressivos d'esta respeitavel casa; emquanto a Nós, consideraremos sempre como um dos nossos maiores deveres o de empregar os possiveis esforços, para que o clero da antiga e illustre Metropole Goanense rivalise com o das mais cultas dioceses do mundo catholico na sciencia, no zelo, na disciplina e obediencia aos seus legitimos prelados. Toda a tentativa de regeneração christã será mais ou menos frustrada, por falta de solido fundamento, se não forem convenientemente formados o espirito e o coração dos que devem allumiar a terra com a sua doutrina e edificar-a com as suas virtudes: *vos estis lux mundi* (1), *vos estis sal terrae. Quod si sal evanuerit, in quo salietur?* (2)

Em seguida voltamos os olhos para os rev.<sup>mos</sup> parochos e missionarios da Nossa Archidiocese e missões do Real Padroado, os quaes cooperam immediatamente connosco na obra divina da salvação das almas. Como é bella e terrivel a um tempo, carissimos irmãos, a missão que deveis desempenhar no meio dos povos! Pela pureza da vida, pela santidade dos costumes, pela gravidade e modestia do tracto, pelas vossas edificantes e caridosas exhortações, deveis conquistar as sympathias e o amor de vossos parochianos, sem contudo condescender com os vicios e as ruins paixões, opprobrio das familias christãs. Este primeiro passo é indispensavel para que o vosso ministerio seja proficuo; mas necessario se torna caminhar ávante. Compenetrados mais e mais de que a abnegação de si mesmo, o sacrificio das proprias conveniencias, a caridade em toda a sua heroica amplitude, devem ser o caracter distinctivo dos pastores das almas, deveis fazer esforços sobrehumanos para levar-des convosco aos esplendores da Gloria, pelos caminhos traçados na Igreja de Jesus Christo, as confiadas á vossa evangelica sollicitude. A amorosa catechisação dos infantes, a diligente evangelisação dos adultos, a frequencia dos sacramentos, as associações pias e de caridade, approvadas ao menos tacitamente pelas legitimas auctoridades ecclesiasticas, todas as obras de zelo, todas as obras de religião, tudo o que ten-

da directa ou indirectamente a despertar nos homens o sentimento do amor de Deus e da Igreja, que Elle adquiriu com o seu precioso sangue, (1) offerece, dilectissimos cooperadores, abundantissima e sublime materia ao exercicio de nosso munus pastoral. Entremos pois, sem temer as invectivas ou os sarcasmos do seculo, com o qual não podemos conformar-nos:  *nolite conformari huic saeculo* (2), por estes abençoados caminhos de actividade e zelo apostolico: lembremo-nos constantemente, que diante do Juiz Supremo responderemos não só pelo que houvermos n'este mundo practicado contra os officios essenciaes da nossa vocação, mas tambem pelo que houvermos deixado de fazer para a tornar mais proficua e meritoria; tomemos emfim como dictas especialmente a nós aquellas significativas palavras do Apostolo: só alcançará a eternal corôa o que a houver conquistado combatendo pela Fé—*non coronabitur, nisi qui legitime certaverit.* (3).

O mesmo que acabamos de dizer aos Nossos revd.<sup>os</sup> parochos e missionarios o dizemos, guardada a devida proporção a todos os sacerdotes e ecclesiasticos, que exercem canonicamente o ministerio em a Nossa Archidiocese e terras do Real Padroado; a todos cumpre sem preterição fazer fructificar a graça da imposição das mãos; todos foram escolhidos do mundo para alargar o reino de Jesus Christo nas almas; todos devem ir gradualmente subindo á maior perfeição do seu invejavel estado, com tanta maior razão, quanto é certo que vivem no meio de gentes, ainda por infelicidade fóra do gremio da Igreja, as quaes podem, posto que erradamente, julgar da verdade da nossa santa religião catholica pela vida e zelo de seus ministros.

Estamos igualmente convencidos que os fieis da Nossa Archidiocese e os disseminados pelas innumeradas missões do Padroado Real Nos hão de tributar sempre aquelle respeito, amor e obediencia, que os uniu em Jesus Christo ao Nosso venerando predecessor; de maneira que, sujeitos clero e povo á Nossa legitima jurisdicção, como Nós, á principal do Summo Pontífice, offereçamos sem interrupção aos homens e aos anjos, na mutua conformidade dos sentimentos e acções, o magnifico e surprehendente spectaculo da unidade catholica, prova inconcussa da divindade da Igreja. Que possa com justiça dizer-se de nós, filhos carissimos, o que as Sagradas Lettras referem dos primeiros fieis, entre os quaes não havia se não um só coração, uma só alma, *cor unum*

(1) Pastoral do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos.

(1) Evang. seg. S. Math., v. 24.

(2) Idem ibid. v. 14.

(1) Act. dos Apost. xx, 28.

(2) S. Paulo. Ep. aos Rom., xii, 2.

(3) S. Paulo 2 Ep. a Tim. ii, 5.

*et anima una;* que nunca, nunca tenham applicação à Santa Igreja Goanense as terríveis palavras, com que o Apostolo stygmatisa os scismas e as divisões dos Corinthios, esquecidos, para a propria perdição, de que ha um só Baptismo e um só Christo, em quem todos fomos regenerados.

Para longe de nós tamanhos males; e que revivam e voltem, sob o actual Padroeiro, a quem Deus conceda longos e prosperos annos, aquelles tempos de Fé e de patriotismo, em que os Affonsos d'Albuquerque e os João de Castro fizeram tremular a gloriosa bandeira das Quinas sobre os muros de Goa e Diu. para a felicidade temporal e eterna dos povos indianos, para o engrandecimento do nome portuguez, e para o feliz augmento da santa religião catholica, origem e termo de todo o progresso bem ordenado.

Para que os votos, desejos e esperanças, expressas n'esta Nossa carta pastoral, tenham ampla e completa realisação, pedindo as vossas continuas orações, irmãos e filhos em Jesus Christo, Nós pômos a Nossa pessoa e o nosso Episcopado, sob o immediato e valioso patrocínio da Mãe de Deus, a Immaculada Maria, de quem temos já recebido muitas e notaveis graças; do glorioso S. José, padroeiro da Igreja universal; do grande heroe christão S. Francisco Xavier, Protector das Indias, cujo corpo temos a ventura de possuir na Capital de Nossa Archidiocese, e de Santa Catharina, Virgem Martyr, sob cujos auspícios reconquistou o Grande Affonso d'Albuquerque á fé e á civilisação a illustre Goa. A todos e a cada um de vós, cabido, clero e fieis, saudamos cheios de jublio e abençoamos com a maxima effusão da Nossa alma em nome da beatissima e individua Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo. Amen.

E para que esta Nossa saudação pastoral chegue ao conhecimento de todos os nossos amados subditos, mandamos que, registada na Nossa Camara, seja enviada ao nosso Ill.º e Rev.º Cabido, a todas as parochias do Arcebisado e missões do Real Padroado, para ser lida no domingo immediato á sua recepção á estação da missa conventual.

Dada na residencia Archiepiscopal da Nova Gôa, sob o nosso signal e sello das Nossas armas, aos 13 de maio de 1882.

Antonio, Arcebispo de Gôa.  
Primaz do Oriente

L. ✕ S.

## TRATADO DA RELIGIÃO EM GERAL

(Continuação)

### CAPITULO IV

#### Da indifferença em materia religiosa

LVI

**A** PRESENTAM-SE aqui duas questões: a primeira, se se pode racionalmente ser indifferente a ponto de não querer examinar se ha uma religião divina; a segunda, se, admittindo-se uma religião qualquer, se está dispensado de examinar se ella é ou não divina. Terá o homem interesse de saber se deve admittir e professar uma religião? E, no caso de reconhecer a necessidade de admittir uma religião, pode escolher indifferentemente e sem exame, d'entre as religiões que reinam no mundo, aquella que mais lhe agrada, ou que mais conforme fôr com os seus gostos?

#### ARTIGO I

**Pode razoavelmente aquelle que não crê na divindade de uma religião dispensar-se de examinar se ha uma religião divina?**

LVII

Ha infelizmente um grande numero de christãos que, seduzidos pelos prazeres, distrahidos pelos negocios d'esta vida, ou vencidos, dos respeito humanos, se abandonam á corrente do seculo, desviam quanto possivel o pensamento das verdades que os importunam, e vivem quasi como sem crença, embora pertençam verdadeiramente á religião, como elles proprios confessam, pelo menos quando isso lhes convem ou lhes não custa. Estes homens não teem mister de ser convencidos, pois que não põem em duvida os dogmas da fé; a sua indifferença, comquanto criminosa, é apenas apparente; manifesta-se somente na pratica. Devemos receiar pela sorte que os espera, se Deus, na sua misericordia, os não tocar e detiver á borda do abysmo. Mas não se trata n'este artigo senão d'aquelles que, philosophos ou não philosophos, rejeitam todas as religiões por uma simples duvida, sem procurar de alguma maneira conhecê-las, sem examinar se ha alguma que seja verdadeira e divina, como se a suprema sabedoria para o homem consistisse em não se inquietar com o futuro, em ve-

getar n'uma apathia brutal, em ignorar o que elle é, d'onde vem, para onde va; ou como se lhe fôra igual, em toda a hypothese, ter por herança eterna o paraizo ou o inferno.

LVIII

Ora, esta indifferença absoluta, esta falta de providencia em tudo quanto interessa aos nossos destinos, esta confiança estúpida com que se caminha para um futuro desconhecido, não é menos perigosa para o homem que injuriosa para Deus; esta cegueira, por mais incomprehensivel que seja, nunca poderá servir de desculpa, excepto n'aquelles que forem verdadeiramente fulminados de alienação mental. Em verdade, na ordem moral não se torna desculpavel um erro, um systema, uma maneira de obrar qualquer tornando-se absurdo. Que! a religião, está demonstrado, é necessaria ao homem e á sociedade; o genero humano attesta-nos a existencia de um Deus vingador do crime e remunerador da virtude; reconhece uma lei que ninguem poderia violar impunemente; e, em desprezo da auctoridade de todos os povos e de todos os tempos, ha quem ouse, com um miseravel *talvez*, aventurar seus destinos eternos, absolutamente como se não tivera nada que receiar, e estivesse convencido até á evidencia de que Deus não existe, ou de que elle proprio é indifferente em materia de religião, ou de que o homem, morrendo, acaba todo na morte, ou de que não sobrevive a si proprio senão para ser mais feliz depois d'esta vida do que o é cá na terra! Que juizo farieis vós de quem, pela primeira vez e sem ter feito a experiencia, se resolvesse, sem necessidade nenhuma, só com uma simples possibilidade ou um *talvez*, que não passa de ser o effeito de sua ignorancia, a atravessar em fragil batel um mar semeado de escolhos e fecundo em naufragios? Esse homem, dirieis vós, seria um temerario, um extravagante, um insensato. Mas é acaso menos insensato, menos extravagante, menos temerario, aquelle que, entorpecendo-se no esquecimento de toda a religião, expõe não uma vida fugitiva cheia de tribulações, mas uma vida sem termo, eterna, com risco de ser desgraçado eternamente?

LIX

Que dirá, á vista d'isto, o indifferente? Como discorrerá elle, se tiver em fim de dar explicações? Não poderá jámais fallar senão da seguinte maneira: E' possivel, *a meu vêr*, que a religião não passe de uma instituição humana; é possivel, *a meu vêr*, que não

haja Deus, ou que, se o ha, não se entremetta conosco, nem esteja pelas nossas homenagens; é possível, sempre a meu vêr, que a nossa alma não seja immortal. Não pode ir mais longe, visto não querer sequer dar-se ao trabalho de examinar se é ou não verdade haver um Deus que puna o crime e recompense a virtude, haver uma outra vida onde cada um receba segundo as suas obras. Ora, não será semelhante systema o requinte da extravagancia? O indifferente diz-nos que, a seu vêr, é possível que a religião não seja uma instituição divina; mas é possível também, como elle é obrigado a confessar e de facto o confessa, pelo menos implicitamente, é possível, dizemos nós, não somente a seu vêr, mas também segundo a crença de todos os povos, que a religião seja verdadeira e divina. Como então permanecer n'esta duvida individual, de que são compartes só alguns espiritos? Estacar voluntariamente n'esta duvida como em uma posição fixa e natural, repellir toda a esperança de uma felicidade infinita, e votar a alma, para assim dizer de caso pensado, se a religião fôr verdadeira, como se aceita que o pode ser, aos rigores da vingança de Deus, a castigos que o só pensamento d'elles nos gela de horror, não seria um delirio inexplicavel, um mysterio ainda mais incomprehensivel que os mysterios da religião, se a fé não nos ensinasse que o homem que esquece a sua natureza, a sua origem e o seu fim ultimo, que esquece o seu Deus esquecendo-se de si proprio, acaba, por ter, horas esquecidas, fechado os olhos á luz e haver estado firme contra o remorso, cahindo na cegueira e n'uma insensibilidade que o torna capaz da mais profunda degradação?

LX

Vêde o que diz um philosopho christão d'esses que, estando na duvida, não curam de estudar a religião: «Esta negligencia não é toleravel. Não se trata aqui do passageiro interesse de qualquer pessoa estranha, trata-se de nós mesmos e do nosso todo. A immortalidade da alma é uma cousa de tanta importancia e que nos affecta tão profundamente, que havemos mister de ter enlouquecido para não nos importarmos saber o que ella é. As nossas acções e os nossos pensamentos devem tomar todos caminhos tão differentes, consoante houver ou não bens eternos a esperar, que é impossivel dar um passo com tino e juizo não sendo regulado com a mira n'este ponto, que deve ser o nosso primeiro objecto. Assim, o nosso primeiro interesse e o nosso primeiro dever é o de nos esclarecermos n'este

assumpto, de que depende a nossa conducta...

LXI

«Em quanto aos que passam a vida sem pensar n'este ultimo fim da vida, e que, por esta simples razão de não acharem em si mesmos luzes que os persuadam, não curam de buscal-as n'outra parte, e de examinar a fundo se esta opinião é das que o povo recebe com uma simplicidade credula, ou das que, embora de si obscuras, teem com tudo mui solido fundamento; essa negligencia em um negocio em que se trata d'elles mesmos, da sua eternidade, do seu todo, mais me exaspera do que me enternece; assombra-me e apavora-me; é para mim um monstro. E não digo isto, porque eu esteja possuido de um zêlo piedoso de uma devoção espiritual; antes pelo contrario pretendo que estes sentimentos nol-os deva dar o amor proprio, o interesse humano, a simples luz da razão. E' bastante para isso vêr tanto como o que vêem as pessoas menos esclarecidas.

(Continúa).

V. DE P. P.

Secção Scientifica

ESTUDO HERMENEUTICO-CRITICO

Analyse Critica do Systema Mythico applicado ao Novo Testamento

PARTE CRITICA

CAPITULO I

Exame critico do systema mythico de Strauss.—O que são as narrações evangelicas—os Evangelhos e—a pessoa de Jesus Christo perante o mesmo systema.

I

Narrações evangelicas

(CONTINUAÇÃO)

O mytho, segundo a opinião d'uns tradadistas, pode ser *historico*,—*philosophico*,—*poetico* e *mixto*; ou, segundo outros, sómente *philosophico* e *historico*. Seguiremos a divisão dos primeiros.

*Mytho historico*—é a narração antiga de cousas realmente acontecidas, proposta segundo o antigo modo de pensar e fallar, propagada e transmitida por muito tempo oralmente, antes da historia escripta e assim augmentada e ornada até ser passada á escripta

com a forma adquirida pela transmissão oral no decurso dos tempos. Exemplos:—A criação do homem—a origem do mundo, etc.

*Mytho philosophico*—é a opinião ou reflexão antiquissima dos sabios ácerca de cousas extranhas ou obstrusas especialmente moraes, suas causas e origens revestidas de forma historica:—Exemplos: 1.º—A narração da feliz condição do homem antes da queda e a das bellezas do Paraizo é, segundo o systema exegetico de que nos vamos occupando, um *mytho philosophico* que representa a *edade aurea da humanidade*.—2.º A narração da Torre de Babel e confusão das linguas é outro *mytho philosophico* que significa a *unidade primitiva das linguas*;—3.º A tentação de J. Christo por Satanaz é ainda, segundo Strauss, outro *mytho philosophico* que tem por fim inculcar esta maxima moral:—*O homem sabio deve resistir ás tentações, ou ao alliciamto das paixões inferiores*.

*Mytho poetico*—é a criação phantastica dos poetas sob quaesquer cousas, a qual tem a razão de ser mais na imaginação do mesmo poeta do que na natureza da cousa, ou—o *mytho historico* ou *philosophico* adornado d'um modo maravilhoso pelas ficções dos poetas. Exemplos:—A passagem do Mar Vermelho, a transfiguração de J. Christo, etc.

*Mytho mixto*—é o que participa das tres especies precedentes ou ao menos de duas. Exemplo:—O diluvio é *mytho historico*, porque tem por base um facto real, e *philosophico*, porque significa a *justiça divina*.

O *mytho*, comquanto tenha sido considerado por alguns auctores como synonymo do *symbolo*, *fabula*, *lenda* e *tradição popular*, distingue-se comtudo;—podemos dizer que está para estas cousas, como o genero para a especie—o *mytho* participa de todas ellas.

Differe, porem, do *symbolo*, porque este exprime uma idea ou um facto por meio d'um signal material, d'uma imagem muda; Ex.: A pomba é *symbolo* da innocencia, a oliveira da paz, emquanto que o *mytho* serve-se de palavras,—é uma narração;—o *symbolo* é real,—o *mytho* é verbal;—o *symbolo* exprime a idea ou facto d'um só facto em um só momento, ao passo que o *mytho*, visto que se reveste sempre da forma historica, exprime a idea successivamente. Assim o andar um propheta com cadeias de ferro,—o mandal-as ao rei é um *symbolo* de escravidão.

Differe da *fabula*, porque n'esta tudo é fingido, e no *mytho* pôde haver, e quasi sempre ha, um fundo de verdade:—da *lenda*, porque esta tem sempre por base um facto verdadeiro, embora os accessorios sejam fingidos, emquanto

que o *mytho* póde ter por fundamento uma idea, e não um facto, e póde ser totalmente ficticio:—da *allegoria*, porque esta usa de palavras no sentido translato,—exprime um conceito individual e é formada d'um só facto, emquanto que o *mytho* usa as palavras no sentido proprio,—exprime um conceito geral e é formado pouco a pouco com o decorrer do tempo:—da *tradição popular*, finalmente, porque esta refere um facto historico, que póde ser todo verdadeiro ou involuntariamente desfigurado, emquanto que o *mytho* póde exprimir uma idea, uma opinião, e sempre tem um *quê* de ficção ao menos nos accessorios.

Strauss, depois de procurar mostrar nos §§ XIII e XIV da *Introdução* da sua obra, que a possibilidade da existencia de *mythos* no N. Testamento se demonstra com razões *extrinsecas* e *intrinsecas*, passa no § XV a apresentar a idea e especies de *mytho*. Para elle o *mytho evangelico* é—*un recit qui se rapporte immédiatement ou médiatement à Jesus, et que nous pouvons considerer, non comme l'expression d'un fait, mais comme celle d'une idée de ses partisans primitifs*.

Segundo Strauss toda a vida de J. Christo não passa d'um *mytho*, o qual tira toda a sua origem ou formação:—1.º Da idea ou tradição, que entre os judeus existia, de que o Messias devia ter taes e taes qualidades. 2.º Da impressão que J. Christo em virtude da sua personalidade, da sua acção e do seu destino produziu, de modo que modificou a idea que os seus compatriotas faziam do Messias.—Assim a historia da transfiguração provem quasi unicamente da primeira origem;—a historia da destruição do templo provem da segunda (1).

Diz em seguida, que o *mytho historico* se dá, quando um facto particular é o thema de que a imaginação se serve para o cercar de concepções *mythicas*, que têm por ponto de partida a idea de Christo. Este facto é umas vezes um discurso de Jesus, outras um acto ou uma circumstancia real da sua vida etc.

O *mytho* differe da *legenda*.—Esta consta de narrações onde se encontram indecisões e lacunas, transformações de sentido, confusão, resultado natural d'uma longa tradição oral na qual se encontram caracteres oppostos.

Differe ainda dos *additamentos*, que são feitos pelo escriptor para tornar presentes os objectos, encadeal-os e amplificar-os—etc.

No § XVI diz, que os caracteres do

*mytho* são de duas especies—*negativos* e *positivos*, e indica as seguintes regras para conhecer quando uma narração não é historica isto é, quando o que se afirma n'ella não succedeu como se relata:

1.º Quando os acontecimentos narrados são incompatíveis com as leis conhecidas e universaes que regulam a marcha dos acontecimentos.

2.º Quando a narração não concorda nem consigo mesma nem com outras relações.

Qualquer narração não é verdadeira mas fingida:

1.º Se a forma é tal que excede a aptidão do auctor.

2.º Se a essencia da narração concorda d'uma maneira frizante com certas ideas, que prevalecem no mesmo circulo, onde a narração nasceu.

Com estas regras conseguiu STRAUSS destruir todas as *narrações evangelicas*, tanto *dogmaticas*, como *milagrosas*, *propheticas*, *historicas*, etc.; todas ellas são puros *mythos* tão verdadeiros como os do *Zend-Avesta* ou do *Alcorão*, embora, como elle proprio diz, vão contra o sentimento intimo do christão crente.

Braga—1882.

(Continua).

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

## Secção Critica

### AS FESTAS DE 9 DE JULHO

no

### PORTO

1

PORTUGAL divide-se actualmente em dois grandes campos, distinctamente demarcados. D'um lado estão os catholicos, os filhos submissos da Igreja, agrupados em torno da Cruz. Do outro lado estão os que não são catholicos e os que o querem ser sob certas condições, agrupando-se todos debaixo da bandeira da Revolução. Aquelles ou pertencem a algum partido politico que tenha por lei o *Syllabus*, ou não pertencem a nenhum grupo politico, chamando-se unicamente catholicos. Este grupo é o maior, o mais respeitavel do paiz; o outro em menor numero, subdivide-se ainda em republicanos, com a bandeira vermelha, tocando a marelheza; em reformistas, isto é que não querem a Carta, ou que a não querem como ella está; e que, por isso não tem bandeira nem hymno, mas que irão para debaixo de qualquer bandeira, escutando qualquer hymno, com

tanto que lhe reformem a Carta; e em constitucionaes, com o azul e branco e a Carta, tal qual a doou o dador ha 50 annos.

Não se deve esquecer, porém, que, apesar d'estas tres partes em que se divide o liberalismo portuguez, quando se trata de guerrear a Igreja, apenas toque o sino do maçonismo, tudo se revolve, todas as armas se voltam contra o Papa, contra os Bispos, contra os padres em geral; estão divididos em grupos para irem comendo do bolo nacional, mas no que toca a Religião teem todos a mesma—não são catholicos.

O que é certo é que, para as festas de 9 de julho apenas se reuniram os amigos da Carta; por tanto o menor numero dos liberaes.

Dito isto analysemos as festas dos cartistas portucnses.

Depois de muitas cousas bonitas, e tristes, algumas, teve logar a *distribuição de esmolos*. «Depois, diz um jornal do Porto, os veteranos da liberdade dirigiram-se á Associação Liberal, onde lhes foram distribuidas as esmolos. Essas esmolos, de mil réis, foram repartidas por 120 d'esses bravos, que, vergonha é dizel-o, no ultimo quartel da vida carecem ainda de recorrer á caridade publica.»

Pelo que vemos o bolo não chegou para todos! E' sempre assim! Talvez os que menos trabalhassem sejam os que ficaram mais bem remunerados, os que tomaram parte no espolio da nação assassinada, como diz o snr. Oliveira Martins! Ou então é o castigo do céo a pesar sobre os desgraçados que empunharam as armas contra a patria e contra a Igreja.

Fome! Os martyres da liberdade com fome, quando imperam os que elles enthronisaram! E não estarão arrependidos?

«Hontem, diz ainda o mesmo jornal, appareceram ainda algumas viúvas a supplicar esmolos, sendo igualmente contempladas com quantias mais pequenas.»

Ora estas viúvas, certamente, são tambem dos martyres da dita liberdade, e se assim é, não devem levar-nos a mal as seguintes innocentes perguntas:

Que é feito dos bens dos conventos? Onde estão depositados esses haveres, que eram, ao mesmo tempo que o sustentaculo do culto catholico, o sustento de milhares de pobres, de viúvas, que por esse reino fóra arrastavam a miseria envergonhada, muitas vezes? Que fizesseis, liberaes da Carta, a esses montes de riquezas, que eram, ha cincoenta annos o patrimonio da indigencia, o

(1) Vide:—*Introdução*—pag. 108.

Knoll—*Institutiones Theologicae Dogmaticae Generalis*—Edição 5.ª—pag. 291.

arrimo da velhice, o amparo da orphandade? Que rumo desteis, *libertadores* de Portugal, a esses asylos onde o caminhante achava guarida, onde a creancinha sem mãe achava o sustento de todos os dias, onde o que descreia das cousas da terra achava um refugio em meio da Cruz e da sciencia?

Que fizesteis de tudo isto? Nem ao menos o guardasteis para repartir com os que vos foram degraus para chegar a um throno que o vosso chefe havia rejeitado?

Não contentes com ter feito a desgraça de um povo, de ter levantado um monte de desgraças com o que era antes a gloria, a honra, o orgulho d'este bello paiz, que tinha por maior brazão a Cruz; não contêntes com isso, quizeis ainda augmentar a miseria, o numero dos encapotados às esquinas das ruas, com os *martyres* e com as viuvas dos *martyres*, e com os filhos dos *martyres* a quem não pôde chegar uma fatia do grande pastelão que vós, com a voracidade da giboia, fizesteis das riquezas da patria e repartisteis sem caridade pelos mais graduados das chafaricas maçonico-liberalescas!

«Em seguida, diz o mesmo jornal, o Rev.º Patricio fez um breve discurso, que foi muito applaudido.»

Este Rev.º Patricio é um padre do Porto, prégador etc. etc. Desejamos o discurso, mas já que não veio... por ahí o perdeu a dita reverencia.

Houve jantar no paço para que se fizeram muitos convites (todos accites já se vê) não esquecendo o sr. Francisco José Patricio, que nos parece será o mesmo Rev.º Patricio.

S. Em.º o Sr. Cardeal D. Americo teve por bem pedir dispensa de não assistir ao jantar, por incommodo de saude.

Ainda bem que S. Em.º não foi ao jantar a que foram os que não querem eminencias se não de avental.

Depois... Isto foi um nunca acabar! pelas 9 horas principiava a REPRESENTAÇÃO DO ESPLENDIDO DRAMA DO CONCEITUADO DRAMATURGO ANTONIO ENNES, OS LAZARISTAS.

Este NN e estes *Lazaristas* andam tão ligados á Carta e ao hymno da dita *senhora*, que já NN e *Lazaristas* cheiram tanto a porcaria podre como a dita Carta. O que nos admira é o sr. José Dias não ter ainda pedido a reforma do sr. dos NN e dos *Lazaristas*, como tem pedido a da Carta! Para nós, sr. Zé dos *Dias* ou das *boas noites*, o cheiro pestifero é o mesmo, e então peça, peça quanto antes as ditas reformas, que bem merecerá da Patria, da Trolha e do patavinismo mór d'estes reinos de Portugal, Algarves d'aquem e d'alem mar; da Carta depois de reformada, dos *martyres* da dita e de

tudo quanto a musa antiga canta.

Em Guimarães já nós vimos o *drama* do *notavel dramaturgo* embalsamado com o zabumba do charlatanismo a ru-far desesperado á porta do theatro, o que mostra que este bom povo já não gosta de comida mal feita e requentada; o Sr. D. Augusto, irmão do mano, que é neto do avô *libertador* comeu-o sem mólho nem batatas, e até sem um raminho de salsa! Já é ter bom estomago!

Que, diga-se alto e bom som: a alteza real não pôde levar o pestilento manjar a diante do 2.º acto; apesar de envolvido na bandeira bicolor e coberto com o hymno da senhora de azul e branco, Sua Alteza não pôde tragar até ao fim prato tão podre. Retirou-se e fez muito bem!

Continuaremos, porque as festas foram de uma pompa.....

ELIAS DE SAMPAIO.

### Secção illustrada

#### Egreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro

Construida em Boston pelos padres redemptoristas

No proximo numero publicaremos a descripção da gravura.

### Secção Litteraria

#### VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

(Continuado de pg. 183)

#### CAPITULO XIII

#### A prisão de Paula

ANTES do romper d'aurora, e em quanto Victor conferenciava com o sacerdote christão a respeito das verdades da fé, em que devia iniciar-se antes de ser admittido a professal-a, Paula, a quem seu amo dava licença e liberdade para ir socorrer os pobres, havia sahido de casa com alguns recursos e especialmente com o rico bracelete, com que no dia anterior a tinha presentando a nobre dama, que já conhecemos, e dirigia-se a visitar as familias indigentes a quem dava quanto tinha.

Depois de haver já repartido todas as suas esmolas, recordou-se repentinamente de uma pobre viuva, mãe de numerosa prole, a quem não tinha ido visitar já ha alguns dias. Sem mais delongas, dirige-se para o bairro da viuva, atravessa ruas humidas e tortuosas, entra n'uma velha casa, sobe até ás aguas-furtadas e depara alfim com uma habitação lóbrega e miseravel.

O espectáculo mais doloroso se offereceu então alli aos olhos da compassiva Paula. Sobre umas poucas e pobres palhas, já meio pulverisadas, jazia uma mulher, que mal respirava, estreitando nos braços uma creancinha quasi exanime, que soltava debeis mus enternecedores suspiros, em quanto que ao derredor d'ella outros dous desgraçados seres de forma humana, completamente nus, choravam e pediam pão.

Uma paralyisia havia acommettido d'improviso a pobre mãe, impedindo-a de levantar-se e até de fazer ruido ou dar algum outro signal para que a viessem socorrer; e para cumulo de males a fome ia-a pouco a pouco definhando.

Paula ficou immovel e como que petrificada e devéras impressionada á vista de tanta desventura; comprehendendo, porém, a necessidade que havia de socorrer quanto antes estes infelizes, inclinou-se sobre a infeliz mãe, e disse-lhe:

—Aqui me tens; animo, coragem por alguns momentos; vou-me ausentar, mas volto já para trazer-te os necessarios recursos.

A viuva, fazendo um grande esforço, entrebriu os olhos, e vendo Paula:

—Obrigada, lhe disse, já te esperava. Compadece-te de meus filhos, e que os deuses te protejam.

—Sim, sim, volto já, respondeu Paula.

E ao sahir, acariciando com ambas as mãos as duas creancinhas, que a tinham agarrado pelo vestido, lhes disse carinhosa:

—Vou-vos buscar pão; não choreis, esperai calladinhas que eu volto já.

E começou de descer pela mesma escada de caracol; no primeiro patamar, porém, forcejou por detel-a uma velha, que habitava na mesma casa e que por bastantes vezes havia sido soccorrida por Paula.

Esta, sem parar, respondeu-lhe que ia com muita pressa, e que n'aquella occasião não podia soccorrel-a.

—Mas tu acabaste de dizer em alta voz á vizinha, que ias buscar-lhe tudo o que lhe era necessario; eu tenho tambem necessidade, disse a velha debruçando-se sobre o corrimão da escada para Paula que continuava a descer apressadamente.



—E' verdade, respondeu esta voltando a cabeça, mas sem parar; est'outra necessidade é muito mais urgente: tem paciencia.

Isto foi bastante para que aquella velha invejosa se entregasse a um arrebato de ira, e se deixasse levar por sua paixão dominante de zelos, que já abrigava ha muito no seu coração, com incrível ingratidão á sua bemfeitora.

Paula dirigiu-se a uma ourivesaria para vender o bracelete que Claudia lhe havia dado: logo depois foi prover-se de alguns cordões e outras diversas substancias que julgou necessarias para as creancinhas, que ha tanto tempo não tinham comido nada.

Ao mesmo tempo, porém, a mencionada velha concentrava na sua negra alma todas as ruins paixões, que anteriormente havia desabafado. Queria ser ella só o objecto das attentões da rica escrava, como ella lhe chamava, e parecia-lhe imperdoavel a caridade que exercia e a preferencia que acabava de demonstrar para com a viuva e seus filhos. Suspeitando que a escrava era christã, porque ao consolal-a empregava termos e phrases, differentes d'aquellas de que se serviam os adoradores dos idolos, cedeu á inspiração do seu odio e foi denunciá-la ao Pretor. E, com effeito, poucos momentos depois, a denuncia estava feita.

Paula teve tempo só de voltar com os auxilios á habitação da viuva. Depois de haver soccorrido e consolado tanto a ella como aos filhos, despediu-se promettendo-lhes, que voltaria no dia seguinte; ao sahir, viu-se-lho de baixo do braço esquerdo um pequeno embrulho que cobriu com o vestido: era uma parte das provisões que havia deixado e reservado para a velha viúva. Esta subia os ultimos degraus, acompanhada d'um agente da auctoridade, no momento em que Paula sahia da habitação da viuva e se detinha um pouco em fechar com difficuldade sua desengonçada porta. A ingrata velha sorriu com malignidade, e o agente disse á escrava:

—Alto lá, christã!

Tomada d'improviso por um movimento instantaneo de susto, dominou-se logo, e respondeu com firmeza:

—Eis-me aqui: que queres?

—Tu és escrava; tudo o confirma. A quem pertences?

Paula vacillou na resposta. Não havia previsto esta pergunta e não sabia como esquivar-se á resposta. Que faria? Mentir?... Não lh'o permittia a consciencia... Pronunciar o nome de Victor?... Temia... Não seria isto compromettel-o?

—Quem é teu amo? repetiu brusca e oficialmente o official da auctoridade.

Paula já se tinha dirigido interiormente a Deus, e respondeu:

—Victor Britannico.

—Victor Britannico!... murmurou o official, accentuando estas duas palavras como se tivesse recebido ordens especiaes relativamente aos escravos do patricio.

—Acompanha-me ao palacio do imperador; tenho uma ordem especial que devo cumprir.

Paula, sem dizer palavra, começou de descer as escadas adiante do official; haveria descido, porém, dez ou doze degraus, quando voltando e erguendo o rosto para a velha que lhe ficava sobranceira e deixando-lhe ficar o embrulho, lhe disse com extraordinaria mansidão e doçura:

—Aqui te ficam estas provisões que te guardava: é o que tenho para pagarte o beneficio immenso que inscientemente acabas de fazer-me.

Sahiram afinal e dirigiram-se para o palacio. No seu trajecto, muitissimas pessoas assomavam ás portas e janellas e de alguns grupos ouviram-se soltar estas vozes: «E' uma christã... carne para as feras... morram os christãos!»

Estas vozes, porém, não a amedrontaram... Só o que receiava é que seu amo corresse perigo.

(Continúa)

## Secção Bibliographica

*Problemas de desenho linear rigoroso, seguidos de algumas applicações e dispostos para uso dos alumnos dos institutos secundarios, podendo servir tambem para o ensino nas escolas normaes, por José Miguel d'Abreu, professor proprietario da cadeira de desenho annexa á Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, etc. etc. etc. 2.ª parte (terceiro anno do curso geral dos lyceus) Coimbra—imprensa da Universidade—1882.*

QUANDO se nos apresenta uma obra que, como esta, é assaz recomendada pelo nome do auctor, ficamos de tal maneira embaraçados, que não sabemos que dizer; porque, não fallar da obra seria prova de má educação; mas fallar d'ella com louvor pedantismo seria da nossa parte, por ar-

rogarmos a nós o dar importancia a um livro, que a tem desde que sahiu da mente do auctor.

Todavia vamos fallar d'ella, e se não dissermos o que ella merece, diremos ao menos o bastante para mostrar aos que a não conhecem a sua importancia.

Em nossa humilde opinião, e por vermos que as mais bem dirigidas casas de ensino mais adoptadas os compendios de desenho do auctor, quer-nos parecer que, d'entre todos os compendios de desenho lançados no mercado, os do snr. José Miguel d'Abreu são os que mais devem agradar aos professores e os que mais podem ajudar, nos progressos escolares, os jovens estudantes. E, como não gostamos de fazer a apreciação de uma obra só pelo nosso juizo, especialmente quando não somos muito versado no assumpto, fazemos o que agora fizemos—consultamos um homem competentissimo e a sua opinião foi muito favoravel ao compendio que não temos duvida em recommendar aos amadores d'este ramo do saber humano, como o mais completo, o mais desenvolvido de quantos se conhecem.

Esta 2.ª parte dos *Problemas de desenho linear rigoroso*, que forma o 3.º anno do curso geral dos lyceus, occupa-se de—*perspectiva rigorosa, projecções orthogonaes, projecções obliquas, secções nos solidos, etc.*

( ) seu preço é de 700 réis.

Os nossos parabens ao auctor juntos com mil agradecimentos pelo exemplar offerecido.

## A Historia de Pio IX e a Imprensa portugueza

Entre os livros com que foi ultimamente brindada esta redacção, e dos quaes não temos feito apreciação por falta de espaço, distingue-se a *Historia de Pio IX*, esmeradamente traduzida do francez e publicada pelo incançavel editor catholico de Guimarães o snr. José A. Teixeira de Freitas, da qual nos foram enviados os dois primeiros fasciculos. Julgamos ser a todos os respeitois uma obra á verdadeira altura do vulto notavel de que se occupa, e recommendamol-a como digna de avultar entre as obras selectas dos bons colleccionadores.

(Direito, do Funchal, de 12 de Abril de 1882.)

11

## Retrospecto da quinzena

«PIO IX, obra traduzida, continuada e ampliada no que diz respeito ás relações da Santa Sé com Portugal por Antonio José de Carvalho.—Guimarães Livraria edit. de Teixeira de Freitas. 1881.»—Recebemos o 3.º e ultimo fasciculo d'esta obra importante de cerca de 400 pag. in 8.º grande a 2 columnas, e cada vez nos confirmamos mais no juizo favoravel que d'ella fizemos a pag. 192 d'esta Revista quando recebemos o fasciculo 1.º No 2.º vem o *Syllabus* por extenso com a traducção em face do texto latino—coisa de que havia muita falta em volume. O traductor e ampliador, Snr. Carvalho, digno Secretario do Lyceu de Lisboa, bem como o editor vimaranense acabam de fazer mais um relevante serviço ás boas ideas e ás boas lettras com a publicação de PIO IX.»

(*Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, de Junho de 1882.)

### A Historia Verdadeira da Inquisição e a imprensa portugueza

VII

«Recebemos o 1.º fasciculo da obra d'este titulo, original de D. Francisco Xavier G. Rodrigo, traduzida do hespanhol, com auctorisação do auctor, pelo reverendo Padre M. José Gonçalves Preza, na edição que d'ella acaba de encetar o benemerito editor, vimaranense o snr. Teixeira de Freitas. Não passa este primeiro fasciculo da «Introdução» da obra, que n'elle ainda não fica terminada. Larga erudição n'esta patenteia o auctor e rigor historico e logico, sob o ponto de vista catholico. Debaixo d'este tem tido larga acceitação em Hespanha a Historia Verdadeira da Inquisição e é de crer que tambem entre nós a tenha, não só por que ella se occupa de um dos mais debatidos pontos da historia moderna, por onde mais se combate e arremette contra a Igreja, mas ainda por que é bem escripta. As condições de sua assinatura constam do annuncio que d'ella damos no respectivo lugar.»

(Da *Aurora do Cavado*, de Barcellos, de 25 de Abril de 1882.)

A. DE GUIMARÃES.

SE os nossos homens do jornalismo liberalista tivessem tempo para lêr as revistas catholicas que se publicam nas diversas partes do mundo, que formosa messe não teriam para ceifar crimes, poucas vergonhas, tratantadas para impular aos jesuitas! Mas não teem tempo. Este é-lhe necessario para as festas agaiatadas dos centenarios; nós, porém, que não temos de cuidar de taes festas, passamos os olhos por algumas publicações catholicas e preenchemos o fim que elles, os liberalões deveram preencher. Aqui vae mais uma tratantada, fructo da ociosidade em que vivem os jesuitas, e que, por milagre, escapou ás folhas novas e velhas da geringonça. Escrevem:

«O Padre Egidi, jesuita, acaba de apresentar à *Academia dos Lyceus*, de Roma, uma notavel Memoria, acompanhando um «*Relogio solar universal*». Este relogio serve para todos os pontos do globo, e é independente da meridiana. Apesar dos progressos que tinha havido até hoje na relojoaria, é comtudo certo que em muitos logares se não podiam regular convenientemente os pendulos e os chronometros, sem que se tivesse exacto conhecimento do meio dia verdadeiro ou do angulo horario do sol para uma epocha determinada; além de que é tambem certissimo que em muitos logares faltam os observatorios astronomicos e outros meios necessarios para a exacta determinação do tempo. A invenção do jesuita Padre Egidi suppre esta falta, e atalha os inconvenientes, por meio d'um apparelho simplicissimo, que consiste em uma pequena tabua de madeira em quadrante com o pendulo, e uma folha onde estão marcados os diferentes graus de latitude com os calculos horarios. A Academia recebeu com grandes applausos esta Memoria e descoberta.»

Tambem não sabem d'isto os amigos da *liberdade*:

As religiosas da Italia, que soffrem como as de todos os paizes *liberaes* as consequências das *liberdades* revolucionarias, luctam com gravissimas difficuldades, soffrem cada dia maiores necessidades; mas como a Revolução lhe não pôde tirar o Pae que ha dezoito seculos as cobre com o seu amor, tiveram ha dias algum allivio as pobres freiras, por que S. Santidade, das esmolos que recebe dos filhos que lh'as podem dar, enviou-lhes 10:000 liras.

O governo revolucionario de Italia ha

de ter dinheiro para subsidiar bailarinas, mas as freiras deixa-as morrer de fome!

Os resultados da Academia de philosophia celebrada em presença de Sua Santidade, na sala Clementina, tem chamado a attenção do mundo revolucionario.

O brilho com que foi celebrada a cerimonia, com a intervenção da côrte de Leão XIII, foi maravilhoso, e Sua Santidade seguia com summo interesse as magnificas disputas scientificas.

Concebe-se, diz o nosso collega de Madrid *El Siglo Futuro*, que tudo isto seja um ponto negro para a Revolução que até hoje ainda não pôde organizar outras festas para a juventude estudiosa, se não orgias em honra dos homens mais dignos da publica repulsão.

Foi admiravel o discurso que Sua Santidade pronunciou em latim e que aqui deramos se nos não faltasse o tempo para o traduzir.

Entrou no 3.º anno da sua publicação o nosso collega lisbonense *A Cruz do Operario*.

Os nossos parabens.

Mais uma prova do *fanatismo* do nosso povo, não illuminado ainda pelo archote que incendiou Paris.

Por ocasião da romaria de S. Torquato, que teve logar no 1.º domingo d'este mez, rendeu a caixa das esmolos a quantia de 2:627\$995 réis!

As folhas *novas* de certo devem perguntar para que será este dinheiro, e responderão logo, sem gaguejar:—teem mais este importante mialheiro os padres para darem largas ás suas devassidões etc. etc. Mas não, senhores, este dinheiro é applicado na construção de um templo que, quando concluido, será o mais magestoso de quantos se encontram na provincia do Minho, se não em todo o paiz.

E depois d'elle concluido Deus affaste de junto d'elle os das folhas *novas*, que por amor à *liberdade* e à *arte* são capazes de o fazer ir pelos ares, para seguirem o exemplo dado pelos ir.: em varias partes do mundo. Ou então são capazes de fazer, ou, pelo menos, de dizer o que o circulo anti-clerical de Genova acaba de dizer à *Unità Cattolica*, de Turim, em uma carta de desafio que acaba de dirigir-lhe.

Diziam os do circulo:

«Este circulo arvorou a *bandeira de Satan*, e está resolvido a collocar-a em toda a parte onde lhe seja possível, sobre todas as egrejas de Italia, e muito especialmente sobre o Vaticano.»

Isto são palavriados do parlapatismo liberalesco, mas em todo o caso sempre é bom estar de atalaia.

Ainda haverá alguém tão innocente que diga não serem feitas pela maçonaria as festas ao marquez de Pombal? Se ha algum d'esses innocentinhos leia o seguinte trechosito com que o *Mallete*, jornal da geringonça maçónica de Lisboa, precede o artigo que publicamos no nosso n.º de 30 de junho sob a epigraphie *Os pombalinos em Angra*, cuja transcrição faz, o que muito lhe agradecemos.

Diz elle:

«As festas Pombalinas em Angra—Tiveram o maior esplendor. A maçonaria cumpriu o seu dever, e por isso berram e estão furiosos os clericos, as beatas e todo o rancho especulador da consciencia humana; não precisamos fazer elogios aos nossos soldados do progresso, aos nossos irmãos da verdadeira luz.

Cumpriram o seu dever e bem o tenta provar a folha ultramontana, o *Progresso Catholico*, á qual damos a palavra a seu despeito, os seus palavrões são outros tantos padrões de gloria para a maçonaria.»

Então, senhores do azul e branco e da amante Carta, foram os maçons ou quem foi que fez a festa? E se foram elles, e associando-vos a elles, sois ou não sois todos do mesmo estofu?

Quem vos não conhecer que vos compare!...

Não colhe os fructos das suas lides na lavoura de Satanaz a moderna Revolução. A Italia tem sido campo vastissimo onde os filhos das trevas tem feito tudo ao seu alcance para arrancar dos corações italianos a chamma ardentissima da fé. Pois apesar de todos esses trabalhos o povo de Veneza acaba de mostrar que tem desprezado os aranzéis dos chafariqueiros.

Alguns protestantes compraram ha tempos uma igreja, que antes tinha a invocação de Santa Margarida, e fizeram d'ella um templo protestante, annunciando grandes festas para o dia da inauguração.

Apenas o soube o Cardeal Patriarcha, dirigiu-se á sua igreja, celebrou o santo sacrificio da missa e dirigiu ao povo

um bello discurso sobre a fé. Foi tão eloquente, tão cheio de unção o discurso do Cardeal Patriarcha que, ao terminar, o povo rompeu em freneticos brados—*Viva o Patriarcha! Viva o Coração de Maria! Viva a nossa Religião!* Quando S. Em.ª perguntou se todos seriam fieis á fé catholica, um *sim* sonoro e prolongado estalou em todos os cantos da Igreja, e as lagrimas humedeceram todas as faces.

Ao entrar S. Em.ª na gondola que o havia conduzir ao palacio rompeu uma nova exclamação de *Viva o Cardeal Patriarcha! Viva a nossa Religião! Viva Leão XIII!*

E por outro lado os republicanos e socialistas a fazerem o *bem* que podem á monarchia da *brexa da Porta Pia*.

O hymno ou marcha real é recebido nas praças publicas com assobios e com uma troça pasmosá, espantosa, e não é raro vêr assassinados varios soldados do exercito. E os ministros parece mostrarem uma falta de energia de pasmar!

Deus lá sabe como hade endireitar as cousas, e só Elle sabe os instrumentos de que se hade servir para o realisar.

Esperemos n'Elle.

Os ratoneiros vão seguindo o systema dos governos liberaes, chamando ao que é das egrejas bens nacionaes; quer dizer chamando-lhe bens de quem os quer apanhar. E' por isso que nos não admiramos ao ler a seguinte noticia, que publicaram alguns jornaes d'esta cidade e que nós transcrevemos para que se veja como os amigos do alheio vão tomando á letra o exemplo que lhe vem de mais alto.

Eis a noticia:

«Apezar da igreja das Religiosas Capuchinhas, d'esta cidade, ser diariamente frequentada por immensos devotos que allí vão dirigir suas orações á Virgem Nossa Senhora da Madre de Deus, ainda assim não escapou á malvadez dos ladrões, apparecendo ante-hontem allí arrombada a caixa das esmolmas do milagroso Santo Antonio, o que fizeram por meio de arrombamento, e não contentes com isso, ainda se exforçaram em querer arrombar a caixa das esmolmas da Senhora da Madre de Deus mas como esta é chapeada de ferro, resistiu mais, e não conseguiram o seu sacrilego fim. Deve notar-se que o arrojado d'estes malvados foi tão desaforado, que não temeram ser presentidos pelas Religiosas do convento, as quaes tem immensas rezas diarias de legados, e alem

d'isto tem côro regular aonde rezam os officios divinos e onde estão, com pequenissimas interrupções, todo o dia até uma boa parte da noute.

Em vista d'este acontecimento, e para d'algun modo obviar a que se repita, pede-nos a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> Abbalessa do mesmo convento para que façamos constar por meio d'este jornal, que a sua igreja se abrirá de manhã depois que seja dia e será fechada ás 11 horas da manhã, tornando-se a abrir ás 3 horas da tarde, e no inverno ás 2 e será fechada á noute ao toque das Ave Marias, o que faz sciente ao respeitavel publico e muito em particular ás pessoas que ali vão fazer orações.

Sirva isto de lição aos snrs. sachristãos das egrejas; e ás auctoridades para darem caça á quadrilha de que esta cidade e as freguezias circumvisinhas estão infestadas.»

Deus nos livre de desejar que o grande manequim da Revolução, Garibaldi, esteja no inferno, ainda que elle, perdoe-nos Deus, o bem merecia; mas, se é possível, que sua alma goze da eterna bemaventurança.

Todavia, esteja no inferno, ou em sitio peor ainda, o que é certo é que depois da sua morte se conheceu assaz o poder da condemnação eterna para tudo que lembrasse o seu nome. Vejamos:

Um navio, não sabemos de que praça, a que o dono (coitado!) teve o bom gosto de chamar Garibaldi, na occasião da morte do revolucionario italiano, foi ao fundo, sem mais noticia d'elle haver. E na America, em Montevideu, na occasião em que se faziam grandes festas em memoria do bandoleiro morto teve logar uma desgraça espantosa que os jornaes nos contam nos seguintes termos:

«Os jornaes chegados hontem da America trazem pormenores da grande desgraça que houve n'um templo maçónico em Montevideu.

Finalisava o seu discurso o veneravel da loja, quando atravessava o templo uma senhora que por descuido, tocou em uma das lampadas derramando pelo soalho o liquido que continha produzindo um insignificante incendio. Isto causou extraordinaria confusão, sem que houvesse uma pessoa que puzesse ordem e que calmasse os animos. Todos á uma dirigiram-se tumultuariamente para a escada que dava saída para a rua. Por uma coincidencia fatal, a porta da rua estava fechada, e sendo grande o numero de gente aglomerada, abateu a escada derrubando um tabique causando a morte a 21 pessoas, entre homens, mulheres e 4 crian-

gas, havendo maior numero de feri- dos.

Entre os mortos contam se uma se- nhora hespanhola, outra italiana, um suizo e 4 italianos.»

Ora aqui teem. Garibaldi pôde abrir as portas de Roma em vida; depois de morto fecha as portas das enxovias ma- gonicas e faz que fiquem mortos os be- nemeritos mações! D'aqui se deprehen- de que o homem se arrependeu ao che- gar ao outro mundo. Foi tarde; mas sir- va isto ao mênos de fazer arrepende- os seus amigos, levando-os a abandonar a seita maldita.

Veremos quantos deixam os tres pon- tinhos. . . ?

O nosso collega da Nação dá-nos a seguinte noticia que nós reproduzimos com aquella alegria que sempre nos assalta quando casos d'esta natureza chegam ao nosso conhecimento:

«As irmãs da caridade que ba no Cairo, negaram-se terminantemente a acceder ás supplicas que lhes fizeram para que abandonassem a capital onde se receia que os europeus soffram muito mais do que soffreram na Alexan- dria.

As heroicas filhas de S. Vicente de Paula, responderam «que por isso mes- mo que alli se receiam successos mais terriveis e sangrentos que na Alexan- dria não podem sair do Cairo, porque n'esta crise mais do que nunca, são necessarios os serviços que ellas pres- tam pelo amor de Deus!»

Assim tracta dos seus assumptos a diplomacia da caridade em vez de fazer como a outra, voltando as costas aos canhões, colloca-se em frente da bocca d'elles, para escudar com o peito de seus embaixadores a vida do proxi- mo.»

Se algum dos nossos espiritos fortes, que tanto fallam na humanidade, fôr capaz de um rasgo de amor do proximo de tal quilate, appareça que lhe damos... o que? Elles bem sabem o que nós temos para lhes dar.

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XXII

hymno do monumento

Aos muitos pedidos que de todos os pontos do paiz nos são dirigidos por

muitas pessoas, para que lhe enviemos o hymno do monumento, temos a res- ponder que, affastados pelos muitos afazeres, das sessões da Commissão, não sabemos os motivos porque o não haja ainda impresso; mas é de esperar que a Commissão o faça imprimir pa- ra assim satisfazer á curiosidade pu- blica e muito especialmente ao auctor da letra, o Ex.º Sr. Dr. João de Lemos.

Quando se faça o enviaremos.

SUBSCRIPÇÃO PARA O MONUMENTO

Dos Ex.ºs e Ex.ºas Srs.ºs:

Luiz Quintino d'Aguiar, Ponta Del- gada, 45500 — Um anonymo, idem, 145400 — B. A. T., idem, 320 — Um Paiva, Castello de Paiva, 35800 — Tho- maz A. W. dos R. Ferro, d'Alcoutim, 300.

Somma.....	235320
Somma geral do n.º ante- rior... ..	1:0115390
Do Novo Mensageiro.....	705910
Subscrição aberta pelo jornal a Nação.....	145000
Somma... ..	1:1195620

(No passado n.º na subscrição, onde se lê: Luiz dos Santos Guimarães, de- ve lêr-se: Luiz dos Santos Leal, de Guimarães.)

TEIXEIRA DE FREITAS.

EXPEDIENTE

O Progresso Catholico illustrado

Dissemol-o e havemos cumpril-o. Contavamos que os nossos assignan- tes nos grangeassem cada um um novo assignante para que duplicassemos a li- ragem; não aconteceu assim. Dos dois mil assignantes do Progresso Catholico apenas 85 escutaram o nosso pedido enviando-nos todos 225 assignaturas novas. Quer dizer podemos obter a de- cima parte das que nos eram necessa- rias para cobrir as despezas da publi- cação com gravuras.

Mas, não cumpriram o seu dever os 85 cavalheiros e senhoras que nos en- viaram assignaturas? E não estamos por isso nós obrigados a cumprir a nossa promessa para com estes senhores? Por isso damos uma gravura em ca-

da n.º, esperançados em que os nossos assignantes envidarão todos os esforços para nos augmentar o numero dos subscriptores, e sendo assim, daremos 3 gravuras em cada n.º, mas se assim não fôr, ao terminar o 1.º anno, deixa- rá de ter illustrações o Progresso Catho- lico.

Creimos que não será assim, por que os actuaes assignantes do Progresso Ca- tholico não quererão declinar de si a gloria de serem os fundadores da pri- meira revista catholica illustrada do nosso paiz.

Assim o esperamos, e Deus hade fazer que não seja eterno o nosso espe- rar.

Es os nomes das pessoas, a quem de- vemos as 225 assignaturas e a quem se deve a creação de um jornal il- lustrado catholico em Portugal.

Dr. João Maria Mergulhão Neves Ca- bral, 3—Joaquim Ferreira dos Santos Rego, 1—Dr. Luiz Filippe d'Abreu, 6— Antonio da Silva e Souza Rodrigues, 1 —Candido Augusto Saraiva Guerra, 5— D. Carolina Augusta de Souza, 1—Pa- dre José Teixeira de Moraes, 4—D. Mar- garida Augusta Sarmiento, 4—Padre Ma- nuel d'Almeida Fonseca, 4—João Anto- nio da Silva Vianna, 1—Um amigo do Progresso Catholico da Terceira, 6— Padre Antonio Rodrigues Guedes Pinto, 5—Abbade João Iria Carvalho, 2—Pa- dre Matheus d'Oliveira Xavier, 5—Padre Antonio Luiz da Silva Monteiro, 1—Rei- tor Antonio Alves Calvão, 7—Padre Ma- nuel Luiz Pires Costa, 3—Padre Agosti- nho de Souza Gonçalves, 7—Padre Mi- guel Ferreira Diniz, 3—Padre Manuel José Gonçalves Preza, 1—Prior Luiz Dias da Silva, 5—Manuel José da Cunha, 1 —Abbade Manuel Francisco de Lima Ba- cellar, 1—José Alves de Brito, 1—Ma- nuel Maria Fructuoso, 1—Dr. Manuel Carvalho d'Araujo Lima, 3—Francisco Pereira da Silva Pinto, 4—Padre Fran- cisco José de Miranda, 3—José da Cu- nha Abreu Peixoto, 3—Vigario José An- tonio Gonçalves d'Aragão, 2—Abbade Manuel d'Oliveira Costa, 2—José Maria Valerio Ribeiro, 2—Padre J. J. d'Afon- seca Mattos, 1—Joaquim Antonio dos Reis, 2—Padre Antonio Baptista Linha- res, 1—Padre Antonio Joaquim Nozes de Carvalho, 3—Francisco Esteves d'Oli- veira, 1—José Francisco da Silva, 1— Abbade Frederico Botelho da Silva Ca- navarro, 1—Padre José Francisco dos Reis, 2—Manuel Corvas d'Azevedo, 1— Padre João Manuel Fernandes d'Almeida, 1—D. Anna Rita de Jesus Caldeira Car- valho, 1—Francisco Jacome, 3—Padre Domingos Antonio Pereira de Miranda, 1—João Antonio Fidalgo, 2—José Jorge d'Oliveira Junior, 2.

(Continúa.)